

ÁVILA, Affonso — *O Modernismo*. São Paulo, Perspectiva, 1975. 227 p.

O volume "O Modernismo", lançado ultimamente pela Editora Perspectiva em sua nova coleção "Stylus" e organizado por Affonso Ávila, reúne 12 ensaios básicos que abordam a Caracterização, a Literatura, as Outras Manifestações do Movimento e mais um apêndice (O Modernismo em Minas Gerais) que constituem os trabalhos apresentados (Curso) no decorrer do VI Festival de Inverno dedicado ao Modernismo, realizado em Ouro Preto, sob o patrocínio da Universidade Federal de Minas Gerais.

De quanto se escreve sobre o Movimento, esta obra tem a vantagem do dinamismo e da variedade, seja pelos vários aspectos de que trata, seja pelas diferentes maneiras por que eles são tratados. Se por um lado temos a focalização do Modernismo no seu primeiro decênio de existência e o centramento do binômio dos Andrades, Mário e Oswald, com suas obras mais expressivas (Poesia — Prosa — Crítica ou Teatro), por outro, nota-se a tendência em estender seus prolongamentos até nossos dias, neles inserindo também autores e (ou) obras menores que "em sua função de cotidianeidade, nuas, sem o revestimento aparatoso e eterno da genialidade", além de mostrar, algumas vezes, "muito melhor os traços, as qualidades e os defeitos de uma época" como diz Mário de Andrade, (citado à pág. 106) se prestam sempre mais facilmente a preencher esquemas, a comprovar formulações, a satisfazer novas tentativas de estruturação.

O estudo do Modernismo, encarado em sua fase heróica ou visto em suas derivações, leva alguns dos autores a incluírem em seus ensaios um retrospecto dos tempos (Francisco Iglésias), das correntes estrangeiras (Benedito Nunes) e (ou) nacionais (Affonso Ávila) que, de uma maneira ou de outra, repercutiram no Movimento.

Outros, além disso, — particularmente os autores dos ensaios sobre as Outras Manifestações do Modernismo — tomando a este como ponto de referência, estabelecem um verdadeiro balanço do que se tem feito em nossa terra desde o seu advento, em termos de Artes Plásticas, Música, Teatro, Cinema.

Às vezes, devido a diversidades de foco mais acentuadas, surgem quase-contradições curiosas: — A linguagem que aí se desenvolve é artificial e rebuscada, muito próxima do fracasso enquanto realização poética, mas propi-

ciadora de caminhos a serem ou não seguidos por outros poetas. É nesse esforço de destruição e dilaceramento que se deve compreender “As Enfibraturas do Ipiranga”, um fracasso poético proposital. — (Affonso R. de Santana, p. 57) e: — para enfrentar, entre os intelectuais conservadores, os burgueses senís e os proletários indiferentes da maravilhosa ópera bufa de “As Enfibraturas do Ipiranga, fecho da *Paulicéia Desvairada*, o destino social conflitivo que a ruptura com a tradição lhe impunha... (B. Nunes, p. 46).

ou ainda:

— A oralidade permanece cada vez mais rejeitada pela crítica, principalmente agora que uma bibliografia estrangeira veio em apoio da escritura — (ainda Affonso Romano, p. 68) e — Se não é para ler em voz alta, é feita para reconstruir uma narrativa oral feita em voz alta. A literatura brasileira, em geral, participa muito desse caráter oratório. — (Bernardo Élis, p. 92).

O caráter por vezes contraditório que trai a busca constante de esclarecimento e renovação, tanto em termos de linguagem quanto em termos de formulações teóricas e que transparece neste livro, é um retrato vivo de nossa realidade crítica nacional que, se no tempo de Mário era basicamente composta por “letrados” que nada assimilavam e que disfarçavam com princípios de ocasião, apadrinhados por este ou por aquele grande nome, a ausência de um verdadeiro pensamento, “ventoinhas de princípios ocasionais (que) têm por estética a orientação do último poeta decorado ou ‘a filosofia do último Bergson’, que não digeriram” (M. de Andrade, cit. à p. 41), não deixa agora, inevitavelmente, de dar mostras de ter passado por uma sensível evolução.

Sem entrar no mérito do rico e cuidado apêndice sobre o Modernismo Mineiro, — um curso por si só — reconhece-se, no conjunto dos ensaios deste livro de leitura acessível, muitas vezes viva e estimulante, uma grande seriedade de intenções, orientadas para a pesquisa, a experiência, a proposta de que, juntamente com uma “permanente vigilância estética”, cinquenta anos atrás, Mário e Oswald de Andrade, foram os exemplos.

AURORA F. BERNARDINI

* *

*

CAMPOS, Augusto de — Plaza, Julio — *POEMOBILES* São Paulo, Edição de autor, 1974.

Ante a criação de Augusto e Julio Plaza, a primeira sensação é de espanto. Por onde começar, se não há começo? Por onde terminar, se não existe